

2

Oficina, uma narrativa

Workshop. Minha primeira experiência em um ambiente de oficina literária foi em uma aula única, de seis horas de duração, no estilo americano. Quando fiz a inscrição, achei curioso o nome. Fiquei imaginando se haveria um “coffee break”.

Era 2008 e eu queria aprender a escrever contos. Ou descobrir que já sabia fazê-lo. Então é só isso?, e eu fingiria me surpreender, confirmando o dom que algum professor havia observado em minhas redações de colégio. De qualquer forma, era preciso começar a aprender, ou descobrir que pouco precisava aprender, e naquele momento surgiu, magicamente, um mestre para me guiar. A mágica (mágica $\neq$ workshop) consistia na seguinte coincidência: eu tinha acabado de ler *O texto, ou: a vida – uma trajetória literária*, de Moacyr Scliar, e me sentia inspirada com sua narrativa autobiográfica. Agora, o nome do escritor aparecia na programação do local indicado por diferentes amigos para eu testar minhas “pretensões literárias”. As aspas, ou alguma ênfase irônica na entonação, me eram obrigatórias na expressão naqueles dias, já que pretendiam ressaltar presunção mais do que aspiração. Apesar da difusa sensação de carregar um dom, eu me intimidava com a literatura.

Não havia janelas na Estação das Letras, mas o clima também não era de claustro. Talvez porque, para chegar ao fundo da galeria no bairro do Flamengo, se fazia obrigatório atravessar o burburinho da vida ligeira: de um lado, a fila da casa lotérica; de outro, manicures concentradas em vermelhos e beges, pés e mãos. Ainda outro dia eu tinha contra-argumentado a um amigo que dizia não entender a obsessão feminina com unhas que meu espanto era com a fila da megassena; eu gostaria de compreender do que era constituído aquele tipo de esperança.

Ultrapassada a vida ligeira, lá estavam eles, os livros. Coloridos, dispostos em estantes brancas; pessoas à espera. Em anexo à pequena livraria-recepção, duas salas de aula com carteiras escolares posicionadas em círculo.

Meu primeiro trabalho havia sido num lugar assim, com luz parecida.

Eu tinha acabado de ingressar na faculdade de jornalismo quando se iniciou uma greve de professores. Meses, previram – era assim na universidade pública. Um primo estava abrindo um curso preparatório para concursos públicos, na rua da Alfândega, e me chamou para ser recepcionista. Combinei que seria provisório, apenas o início da poupança para comprar um carro, e às vezes me flagro pensando no que seria uma vida inteira convivendo com aquela agri doce esperança de megassena, embora o curso sequer exista mais.

Como se tratava de meu primeiro contato com o mundo do trabalho, vivi aquilo com humildade e pouca reflexão (só tinha 17 anos). A exploração da vida miserável (ou ligeira?) desfilava em minha frente: sim, claro que você tem chances de passar na prova, dizia o professor; com certeza esse concurso para fiscal de renda vai acontecer depois de tantos anos; não, o fato de você ser péssimo em matemática e nunca ter estudado direito constitucional não impede que seja aprovado. Os alunos não tinham chances. Aquilo era um caça-níqueis, concluí, depois de três meses de prática com a cafeteira elétrica. Ou uma fila de pessoas pagando para sonhar, me pareceu depois.

Não, a Estação das Letras não era um caça-níqueis, embora a luz fosse parecida. O professor-escritor recebeu reverências na chegada, uma aluna que já tinha conto publicado em antologia pediu autógrafo para um livro antigo e entramos na sala de aula, com lousa branca e canetas pilot azul e verde. Eu não sabia, mas a-dentrava naquilo que identificaria mais tarde como vida literária.

Eu também não sabia, em 2008, que ter sido atraída para o livro metaliterário de Scliar, e me sentido “inspirada” por sua leitura antes de descobrir a existência de oficinas, estava distante de ser coincidência ou mágica. Sem algum tipo de ensino ou exercício coletivo, o caminho apontado pela tradição para quem quer aprender a escrever contos é unicamente o do autodidatismo. É a solidão da leitura e da imitação; uma questão de seguir as pistas camufladas em obras “inspirado-

ras” de grandes escritores – especialmente escritores que escreveram sobre a escrita. Escritores, alguns, que na contemporaneidade começaram a ministrar oficinas, como o médico gaúcho fazia ocasionalmente em Porto Alegre.

Médico? Sim. Durante o workshop, Scliar contou que preferia se identificar, em formulários de hotel, como médico, atividade que conciliou durante anos com o ofício de escritor – que ele não tinha certeza se devia chamar de profissão. Em tom de galhofa, disse que era para ninguém desconfiar que não pagaria a conta.

A piada me incomodou. Uma coisa era eu constrangida de ser chamada de escritora, como ficara ao publicar um livro jornalístico, inibida pela aura artística da qual não me sentia merecedora. Não dá para tirar do texto do press-release o “escritora” e deixar só o “jornalista”?, lembro de ter pedido na época. Outra coisa é um autor com mais de 70 títulos, traduzidos para dezenas de idiomas, membro da Academia Brasileira de Letras (há algo mais institucionalizado?), revelar desconforto diante da denominação. Havia um claro problema em relação à profissionalização do escritor.

Talvez fosse algo relacionado ao Brasil, pensei, já que em filmes americanos sempre surge um intrépido “writer” na trama, sem currículo nem constrangimento de apresentar a sua profissão. Escritor. Eu ainda não conhecia a dimensão dos programas de escrita criativa em universidades dos Estados Unidos, ou o quanto o aprendizado e a profissionalização do escritor são levados a sério por lá. Se soubesse, talvez considerasse a palavra americana designada para a breve oficina de Scliar – workshop – não tão disparatada assim, a ponto de merecer minha ironia sobre o coffee break.

Na primeira parte da aula, antes do intervalo que não era chamado de coffee break, Scliar fez uma introdução didática ao gênero conto e anunciou que o considerava um desafio maior, para o escritor, do que o romance. Pediu para um voluntário ler “Uma galinha”, de Clarice Lispector, alguma solenidade se instalou, e ao final uma senhora de turbante comentou não ter gostado da última frase. Os outros

alunos censuraram-na com o olhar. Se eu já pensasse naquele lugar como um circuito de produção e recepção da literatura, teria concluído que Clarice constituía um valor absoluto naquela comunidade. E que, se houvesse uma segunda aula, a tal senhora talvez não retornasse ao curso. Ou então mudaria de opinião, permaneceria no grupo e passar-se-iam anos.

A segunda metade do workshop foi reservada à leitura dos contos trazidos pela turma, por ordem de inscrição, e a ressalva significava que o tempo poderia ser insuficiente para todos. A hora de término precisava ser cumprida; Scliar tinha voo de volta a Porto Alegre marcado, estava no Rio por conta de uma reunião da ABL. O primeiro conto, lido pela aluna do autógrafo na entrada, era muito bom, na verdade já burilado e pronto para o primeiro livro que estava prestes a autopublicar, e mereceu elogios do mestre.

Ao contrário de outros alunos/escritores, ansiosos para que o relógio desacelerasse até chegar a sua vez, passei aquela segunda metade da aula distanciada – quase destacada do grupo. Não havia levado um conto. Aprendia, ali, a primeira das lições, que provavelmente fez despertar meu interesse por transformar aquele espaço, aquela vivência, em um objeto de estudo: o escritor que não escreve não tem lugar na oficina. É como um sóbrio em meio à alegria, ou à desgraça, dos embriagados. O escritor que não escreve pode até insistir uma ou duas vezes, com pose de observador, antes de nunca mais voltar.

O escritor que não escreve muitas vezes é um jornalista. Aquele que um dia publicará um grande livro, mas apenas quando, enfim, encontrar sua grande história. Ou a jornalista que escolheu a profissão para poder ganhar a vida escrevendo, e mesmo assim não consegue assumir suas aspirações literárias.

Eu queria voltar à oficina. Desejava (ou necessitava) escrever. Por isso, meses depois, exultei quando soube que Scliar retornaria ao Rio para outro workshop, desta vez sobre crônicas. Eu teria uma segunda chance, apagaria aquele borrão de minha breve biografia de escritora que não escreve. O melhor é que eu sa-

bia que sabia escrever uma crônica, sem orientação inicial. Já tinha a prática da leitura e da imitação, de onde afinal partem todos os escritores, com ou sem oficina.

Não seria uma crônica pronta e acabada, mas um gesto inicial. A iniciação para uma nova escrita, diferente da jornalística. Uma espécie de “vida nova”.

Se a etimologia da palavra oficina remete à manufatura, também cabe nela o sentido de conserto, e minha crônica haveria de ser consertada pela crítica articulada e enviesada do grupo, pela generosidade de Scliar, pela leitura que eu própria faria em voz alta nesta estreia – quase uma performance – em sala de aula.

Escrever para aprender. E também desaprender para encontrar uma nova escrita. Necessariamente eu partia da escritora que já era – a das redações do colégio, dos diários, do texto jornalístico, das crônicas nos blogs –, mas precisava também desaprender. Naquele segundo workshop, eu já tinha entendido a dinâmica básica de uma oficina de *criação* literária

Criação. Esta sim uma palavra para pensar, e não a cisma tola com o anglicismo de *workshop*. Uma palavra que evitei até o momento neste pré-escrito de minha dissertação, com a prudência de quem já não é mais a escritora em seu gesto inicial, mas aquela que assume o seu aprendizado de novos modos de escrita, e que vivencia criticamente a experiência da oficina enquanto desenvolve sua pesquisa de mestrado. Com a prudência de quem leu Barthes e Deleuze, e agora está atenta ao poder e às limitações da linguagem que é coletiva; atenta à impossibilidade de uma criação pura e original, expressão de uma interioridade; atenta à atividade de construção de uma voz singular em meio à intertextualidade da qual todo participante da oficina narrativa não consegue fugir, apesar dos mitos românticos que ainda cercam a literatura.

Como se pode perceber, neste ponto a narradora precisa se afastar da personagem de 2008 – jornalista ingênua, e ao mesmo tempo arrogante, que ignorava a prática das oficinas literárias – para aprumar-se em seu novo ponto de vista, já de posse de uma bibliografia, e de uma emoção transformada por autores que serão o seu apoio teórico nos próximos capítulos. Ela já assumiu sua “vita nuova”, seu “querer-escrever” intransitivo, não jornalístico, e intui (não sabe, nunca saberá de

nada definitivamente) que seu caminho será trilhado à custa do “valor-trabalho”, e não do “valor-gênio”. Nestas primeiras linhas, se permitirá não se estender em torno dos conceitos aspeados, apropriados de Barthes, para, nos próximos capítulos, desenvolvê-los e colocá-los em diálogo com a sua própria experiência, com narrativas de alguns escritores de ficção convocados a esse debate e com outros textos críticos relacionados ao aprendizado da escrita artística.

Não mais ingênua ou arrogante, a narradora que agora se impõe precisará admitir as muitas dúvidas com as quais se deparou, a cada estágio, em sua investigação. Não sabe ainda, por exemplo, se o querer-escrever, tema previsto para o primeiro capítulo (“Da motivação”), receberá a fundamentação teórica barthesiana mais próxima a desejo ou se acabará se apoiando na ideia deleuzeana de criação como necessidade. Provavelmente, irá explicitar suas inquietações, tornar os autores seus companheiros de viagem e utilizar suas citações apenas para poder dobrá-las em questões que considera importantes ou interessantes. Neste exercício de correção intelectual, terá de voltar a primeira pessoa em sua narrativa. Embora alerta aos riscos da subjetividade, entende que o escritor não pode recalcar o sujeito que é.

Há muitas formas e idades para se começar uma “vita nuova”, com a percepção deste início estabelecido como o meio do caminho de uma vida. Imitando Barthes, que imitava Dante, vou fundar aqui, como marco, uma suposta crise dos 40 anos, e como cenário de recomeço um círculo de cadeiras dispostas de forma displicente numa sala sem janelas. Novamente a lousa branca, canelas pilot coloridas e o professor Scliar à vontade em sua exposição sobre o gênero crônica, entremeada de histórias de amigos cronistas. Uma aula-crônica.

Desta vez fiz a inscrição antecipada e garanti, na segunda parte do workshop, a leitura de meu texto, em voz alta. “Você tem alma de cronista”, disse Scliar, depois de sugerir um ou dois remendos. Na saída, pedi-lhe um autógrafo para seu livro autobiográfico, o tal inspirador, e ele escreveu “Uma homenagem ao seu talento literário”. A vaidade inundou cada centímetro cúbico de meu corpo de escritora, a que escreve. Isso embora, no workshop anterior, ele tivesse revelado o truque de agradecer seus leitores nas noites de autógrafos exaltando as qualidades

das pessoas que pedem as dedicatórias. Isso, apesar de eu seguir não sabendo escrever contos.

Seria a vaidade motivo suficiente para se querer fazer parte do mundo literário, e explicar o universo de oficinas que eu acabava de descobrir? Mais uma pergunta para guardar. Uma pergunta a mais para a “sacudida” do meio da vida, minha última vida, a de uma nova prática de escrita, que começava naquele instante.